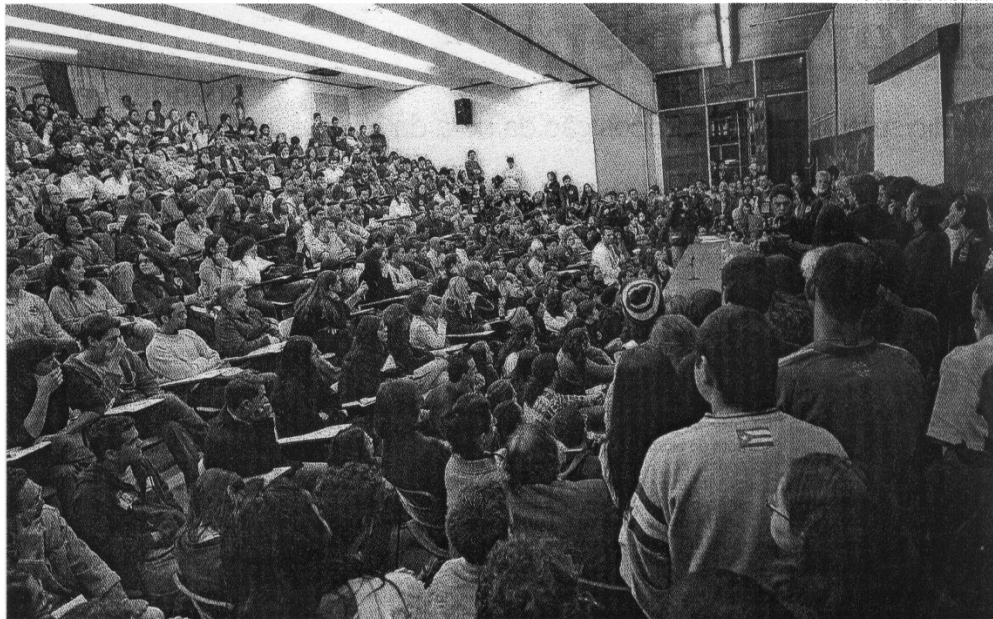


FOTOS SERGIO CASTRO/AE



AUDITÓRIO LOTADO - Antonio Candido disse que não conhecia reivindicações; Marilena Chauí afirmou que troca de reitora não é solução

Candido e Chauí dão aula em apoio à greve na USP

Para crítico literário, presença da PM no câmpus viola 'direito sagrado de opinar'; filósofa aponta 'repetição interminável' do autoritarismo

Alunos, funcionários e docentes da USP tiveram ontem pela manhã uma "aula" em apoio à greve na universidade de dois intelectuais renomados da instituição, a filósofa Marilena Chauí e o crítico literário Antonio Candido. No auditório lotado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) - do lado de fora havia um telão, para que mais pessoas pudessem acompanhar os discursos -, ambos condenaram a presença da Polícia Militar no câmpus.

"A ação imediata é apenas um episódio, o importante são as redefinições a partir disso", disse Antonio Candido. "Atuem, exagerem, sejam justos e injustos. Aproximem a faculdade da realidade social. Essa é uma luta constante, para transformar a sociedade."

Os dois professores estavam no grupo de notáveis da USP que foi decisivo no desfecho da greve de estudantes da FFLCH em 2002. O movimento cobrava mais professores e melhor estrutura na unidade e durou mais de 100 dias. Depois de um apoio público de Candido, Marilena e outros, a reitoria passou a negociar com os alunos, o que culminou com o fim da greve.

O crítico literário, de 91 anos, disse ter ficado preocupado com o "significado histórico e o valor simbólico" das medidas to-



A VEZ DO BANDEJÃO - Após ocupação, estudantes lavaram a louça

mas pela reitora Suely Vilela, que pediu à Justiça o envio da PM ao câmpus para impedir piquetes feitos pelos grevistas. "É a violação do direito sagrado de uma pessoa opinar." A polícia confrontou-se com estudantes no dia 9 de junho e seis pessoas saíram feridas.

Antonio Candido disse que desconhece detalhes da mobilização. "Isso são os professores da ativa que podem explicar." "Posso contribuir com o que sei da história da universidade." A greve começou no dia 5 de maio e reivindica aumento de 16%, a não implementação de cursos a distância e a saída da reitora.

O professor aposentado, que

NOTÁVEL

Antonio Candido Crítico literário

"Atuem, exagerem, sejam justos e injustos. Aproximem a faculdade da realidade social"

"(A presença da PM no câmpus) é a violação do direito sagrado de uma pessoa opinar"

pertenceu à primeira turma da USP, na década de 30, disse que, antes da formação da universidade e, particularmente, da FFLCH, a formação universitária era apenas para elite e não se analisavam questões sociais.

Ele falou durante 15 minutos e foi aplaudido de pé.

Marilena Chauí fez uma retrospectiva pessoal, lembrando protestos dos quais participou em seus tempos de estudante. "É uma repetição interminável do autoritarismo e da repressão. Não fazemos outra coisa que defender a universidade e a democracia."

A filósofa disse aos alunos que a mobilização precisa ir além das palavras de ordem contra a reitora. "Não é a eleição de um novo reitor que vai mudar a universidade, nós temos de pensar uma maneira de desestruturar essa gestão vertical. Temos que recuperar a universidade como espaço de discussão."

Chauí afirmou que o ensino a distância desqualifica a formação universitária, mas cabe aos alunos explicar à sociedade o motivo do seu repúdio. Ela chamou o consórcio de universidades para ensino a distância, intitulado Univesp, de "Univespa".

"Eles servem para reforçar o nosso espírito de combate e mostram que a luta não é breve, é contínua", disse Marco Brinati, da diretoria da Associação dos Professores (Adusp). ●

ELIDA OLIVEIRA, SERGIO POMPEU
● RENATA CAFARDO

Como protesto, alunos invadem restaurante

Quem estava na fila pôde comer de graça, mas entrada de outros estudantes não foi permitida pelos grevistas

Alunos em greve da Universidade de São Paulo (USP) invadiram ontem o único restaurante em esquema de "bandejão" que ainda funcionava na instituição e interromperam o trabalho dos funcionários. A catraca foi liberada e quem estava na fila pôde comer de graça, mas não foi permitida a entrada de outros estudantes depois da invasão. A comida que acabava também não era repostada e, em determinado momento, havia alunos comendo arroz e farofa.

O restaurante fica no Instituto de Química, trabalha com funcionários terceirizados e atende cerca de 3.500 estudantes por dia. Uma refeição completa no local custa R\$ 1,90 e não é preciso pesar o que se põe na bandeja. O preço do quilo em restaurantes da USP, em média, é de R\$ 28. À noite, o bandejão foi reaberto com a ameaça de que os alunos voltariam.

'Piquete é uma arma histórica'

...O Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo e o Fórum das Seis (sindicatos de professores e funcionários de USP, Unicamp e Unesp) reuniram-se ontem. Segundo Carlos Magno, do Sindicato dos Funcionários da USP, a reunião ser-

viu para as partes explicitarem as condições para a negociação. "A reitoria disse que só tira a PM do câmpus se nós retirarmos o piquete, mas reafirmamos que o piquete é uma arma histórica dos trabalhadores", disse. Nova reunião ocorre na segunda-feira. ●

"Fazer piquete no bandejão tira o direito dos estudantes. Concordo com algumas pautas (*de reivindicação*), mas não com essa forma de manifestação", disse Rosana de Oliveira, de 19 anos, estudante de Filosofia que almoçava no local. O protesto começou por volta das 13 horas, quando cerca de 300 estudantes entraram no restaurante, gritando palavras de ordem e levando faixas. Os funcioná-

rios foram para a cozinha. Os grevistas passaram a servir os colegas. Segundo eles, o objetivo era mostrar que "a comida não vem pronta e é necessário que todos se sensibilizem com a greve dos funcionários".

"Não se discute comida, a alimentação vem antes de política", afirmou Dioclézio Domingos, de 26 anos, aluno de Filosofia. Ele mora no Crusp e diz que a greve só prejudica os alunos

que não têm recursos para pagar por outra alimentação. "Quem faz o movimento estudantil é a massa burguesa de classe média que está desconectada do mundo. Não vou discutir com gente assim, que não sabe o que é passar fome." Ele contou que tem aumentado sua carga de trabalho, fazendo traduções do francês, para pagar as despesas que aumentaram por causa da greve.

VOTAÇÃO

Uma votação online desenvolvida por um aluno do câmpus da zona leste está mostrando que a maior parte dos estudantes participantes é contra a greve decretada pelos sindicatos e por parte dos estudantes. Os resultados até agora revelam que, mesmo dentro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), tradicionalmente a que apresenta maior adesão a paralisações, há mais votos de estudantes se dizendo contra do que a favor do movimento. ●